

REMINISCÊNCIAS DE LEITURAS

Neide Medeiros Santos*

"Versos... não Poesia... não. Um modo diferente de contar velhas histórias" (Cora Coralina).

Maria Lúcia Zoega de Souza escreveu um texto - "A criança e a leitura: da obrigação ao lazer" que nos serviu de estímulo para relatar a história de nossas leituras (lidas e ouvidas). Nesse instigante artigo, a autora rememora a história de suas leituras, inicialmente, como aluna, posteriormente, como professora. Perseguindo a trilha percorrida por Maria Lúcia, pretendemos trazer um relato de nossa experiência como leitora e ouvinte e apresentar fragmentos das experiências dos nossos alunos.

Minhas primeiras lembranças literárias remetem para as histórias de Trancoso. Eram histórias contadas por Chicuta, uma velhinha que, como Totonia de Zé Lins, sabia dar um tom nordestino aos contos de princesas e príncipes que habitavam o mundo encantado do reino do faz-de-conta. Eu ouvia embevecida a "História da Princesa da Pedra-Fina" e da "Donzela Teodora"; só muitos anos depois soube que estas histórias integravam o acervo da literatura popular em verso (cordel).

Foi a fase seridoense de minha infância. Mais tarde, descobri o "Tesouro da Juventude" e li, principalmente, o "Livro de Contos". Transportando-me para o mundo maravilhoso desses contos, eu fui a bela adormecida no bosque e identifiquei-me com Rapunzel (eu também tinha tranças longas). Na escola primária, com exercícios semanais de composição, pude recriar esse mundo mágico de fadas e princesas. No ginásio, travei conhecimento com os grandes realistas - Machado de Assis, Iça de Queirós e Dostoievski. Confesso, porém, que foram as histórias contadas por Chicuta e os contos de fadas do "Tesouro da Juventude" que me deixavam os traços mais fortes. Hoje descubro que a minha atração pela literatura de cunho popular advém desse período.

Vejam, agora, fragmentos das experiências dos nossos alunos:

Francisca Eduardo Pinheiro, com formação em Letras, iniciou seu contato com a literatura através das histórias contadas por sua avó. Entre as histórias que a avó lhe contava, ela destaca a do "Lunga-lunga" que tinha um sabor diferente - a cantilena do longa-lunga imprimia medo e compaixão ao mesmo tempo. Francisca não se recorda da sua primeira escola, mas se lembra muito bem do Grupo Escola: Filgueira Lima, em Lavras da Mangabeira (CE), onde cursou todo o primeiro grau. Das leituras dessa época, ela destaca a "Nova Seleta", com textos de Rui Barbosa, Humberto de Campos e José de Alencar.

Carlos Gildemar Pontes, com formação também em Letras, teve seus primeiros contatos com a leitura através do cordel. Seu pai, um sertanejo cearense, gostava de ler cordéis para os filhos e os moradores da fazenda. Por esse período, década de 60, a televisão estava dando os primeiros passos e as noites sertanejas ainda tinham um toque rural. Mais tarde, estudando em Fortaleza, pode reconstituir um pouco aquele mundo mágico perdido e "posto em xeque" pela escola com a leitura do texto "Meu cajueiro", de Humberto de Campos.

* Professora de Literatura Infanto- Juvenil da UFPB. Elaborado com a colaboração dos alunos do Curso de Mestrado em Biblioteconomia (UFPB)

Macia Lizete Lellys, professora de Biblioteconomia, teve uma experiência diferente. Lizete passou parte de sua infância em uma pequena cidade do interior da Paraíba (Taperoá), e tinha um irmão mais velho, João, que criava pequenas peças teatrais. Os atores eram as irmãs e o mentor do texto também desenhava o cenário. As peças eram ensaiadas no fundo do quintal. No dia da estréia, vinham os parentes, os vizinhos, os amigos, e o cenário se transportava para a sala de visitas. No que se refere às leituras, Lizete iniciou lendo jornais para seu pai. Era uma leitura em voz alta e as notícias que deviam ser lidas eram, previamente, assinaladas.

Romualdo Rodrigues Palhano, arte-educador, ouviu muitas histórias contadas pelo avô, em Nova Cruz, cidade do interior do Rio Grande do Norte. Eram histórias marcadas por personagens místicos, como: Saci-pererê, Caipora e a Sereia. Não sabendo ainda ler e escrever, Romualdo recriava estes personagens através do desenho. Como lembranças de suas primeiras leituras, já morando nessa época em Itabaiana (PB), Romualdo recorda os adágios populares colocados nos pára-choques dos caminhões. Com dificuldades, ele lia os dizeres e muitas vezes não entendia a malícia dos adágios, só acessível aos mais crescidos. Daí o seu matutar diante da estranha comparação: "Mulher é como cachimbo, só presta prá levar fumo". Posteriormente, desvendando o mundo das letras, descobriu as revistas em quadrinhos e o gosto por esse tipo de literatura acompanha-o até hoje.

Eliany Alvarenga Araújo, bibliotecária, morava em uma pequena cidade do interior goiano, Uruaçu, e, sendo a filha caçula de uma família numerosa, se deliciava olhando revista das irmãs mais velhas. Era a fase da leitura visual. As letras se apresentavam como coisinhas estranhas, sisudas e silenciosas. Dentre estas leituras visuais, ela destaca as revistas "Manchete", "Pais e Filhos", e revista de modas. No primeiro grau, sua experiência com leitura se limitou a textos didáticos, mas em casa havia um livro de capa rasgada, um livrinho pobre em figuras e cores, contudo rico em estórias de meninas bem comportadas e meninos curiosos. "Que delícia ler essas estórias!" Só mais tarde, surgiu Lobato e o Sítio do Pica-pau Amarelo se tornou o lugar ideal para os seus devaneios. As aventuras de Narizinho e Pedrinho faziam parte do seu cotidiano. Essas leituras proporcionavam um reencontro com as suas origens mais verdadeiras.

Esta pequena amostragem de experiências de leituras comprova que a "leitura da palavra mundo" tem forte influência em nossas leituras posteriores. Ouvindo histórias, representado-as, recriando-as por meio da escrita, da arte teatral, do desenho ou através da imaginação, o futuro leitor se encaminha para o mundo das letras.

"A respeito da prática salutar de ouvir e contar histórias convém repetir, aqui, palavras do escritor Elias José (1986)". "O homem precisa, urgentemente, resgatar o prazer que é ouvir, ler, contar, recontar e criar também histórias, personagens, mundos imaginários, situações envolventes, através do poder mágico que a palavra tem".

READINGS REMINISCENCES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **Memórias de leituras:** de quintais ensolarados a um quatinho cheio de livros em busca de um tempo mágico. João Pessoa: CCSA, UFPB, 1989, 4 p.

CORA CORALINA. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 3 ed. Goiana, Ed. da Universidade de Goiás, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Autores Associados; Cortez,

1982.

JOSÉ, Elias. Org. **Um dedo de prosa: setecontos setecentos**. São Paulo: FTD, 1986. v. 2.

LELYS, Maria Lizete. **Retalhos de estórias e histórias lidas, ouvidas e vividas**. João Pessoa: Curso de Mestrado em Biblioteconomia. CCSA, UFPB, 1989, 9 p.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. **Reminiscências de leituras**. João Pessoa: Curso de Mestrado em Biblioteconomia. CCSA, UFPB, 1989. 5 p.

PINHEIRO, Francisca Eduardo. **História das minhas leituras**. João Pessoa: Curso de Mestrado em Biblioteconomia, CCSA, UFPB, 1989. 3 p.

PONTES, Carlos Gildemar. **Reminiscências de leituras**. João Pessoa, Curso de Mestrado em Biblioteconomia. CCSA, UFPB. 1989. 4 p.

SANTOS, Neide Medeiros. **Reminiscências de leituras**. (lidas e ouvidas). João Pessoa: Curso de Mestrado em Biblioteconomia. CCSA, UFPB, 1989. 5 p.